

# A imagem do **Rio de Janeiro** no Império e na República Velha e a **nova imagem** pós-grandes eventos esportivos: Porto Maravilha, literatura e turismo.

The image of **Rio de Janeiro** in Império and República Velha and the **new image** post-major sporting events: Porto Maravilha, literature and tourism.

MARIA JAQUELINE ELICHER \* [maria.elicher@unirio.br]

**Resumo** | O texto trata da cidade do Rio de Janeiro e mais especificamente de sua zona portuária em dois momentos distintos – um entre a segunda metade do século XIX e as primeiras décadas do século XX e outro mais recente, relacionado a realização do projeto Porto Maravilha, desenvolvido no bojo dos grandes eventos esportivos, Copa do Mundo de Futebol, de 2014 e Jogos Olímpicos de 2016. O objetivo foi promover uma análise do processo de refuncionalização atribuído a zona portuária da cidade, a partir de um aporte teórico-metodológico baseado na literatura de João do Rio, autor retratista da vida social no início do século XX e Lima Barreto, crítico social mais contundente. Ambos os autores nos permitira, no diálogo com autores contemporâneos como Henri Lefebvre e Milton Santos, refletir sobre a reprodução das relações sociais de produção no espaço urbano da cidade, e compreender como o turismo se porta em processos desta ordem, da atribuição de novas cargas simbólicas aos lugares, sobretudo se atribui às paisagens novos valores e novos usos, com a conseqüente transformação destas em produto turístico. Nesta trajetória, coube à literatura fornecer os subsídios necessários à esta compreensão.

**Palavras-chave** | Rio de Janeiro, turismo, literatura, grandes eventos, Porto Maravilha

**Abstract** | This paper addresses the city of Rio de Janeiro and, more specifically, its port area in two distinct moments – the first one between the second half of the nineteenth century and the first decades of the twentieth century and the second one, more recently, related to the Porto Maravilha project, developed in the context of the two major sporting events which took place in Brazil, the 2014 FIFA World Cup and the 2016 Olympic Games. The aim of this study is to analyse the process of refuncionalization attributed to the port area of the city, through a theoretical-methodological contribution based on the literature of João do Rio, a portraitist author of social life in the early 20th century, and Lima Barreto, a strong social critic. Both authors have allowed us, in the dialogue with contemporary authors such as

---

\* **Doutora** em Geografia pela Universidade Federal Fluminense – UFF, Niterói/Brasil, na área de Desenvolvimento Territorial e Ambiental. Professora Adjunto do Departamento de Turismo e Patrimônio da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro – UNIRIO, Rio de Janeiro, Brasil.

Henri Lefebvre and Milton Santos, to reflect on the reproduction of the social relations of production in the urban space of the city and to understand how tourism engages with these processes, the attribution of new symbolic charges to places, especially if new landscapes are given new values and uses, with the consequent transformation of these into tourism products. During this trajectory, the literature provides the necessary subsidies to this understanding.

**Keywords** | Rio de Janeiro, tourism, literature, major events, Porto Maravilha

## 1. Introdução

As últimas décadas têm sido marcadas por uma série de mudanças na economia espacial do capitalismo e sua expressão no urbano. Segundo Scott (2012), essas mudanças estão sendo conduzidas por um processo constante de expansão de uma economia de característica cognitivo-cultural, isto é, a da criação do ente cidade-empresa-cultural, que têm efeitos peculiares sobre as formas e características funcionais da cidade contemporânea. Notadamente, isto pode ocorrer geralmente em grandes metrópoles do globo, a exemplo das transformações de parte da cidade do Rio de Janeiro, Brasil, por ocasião de ter sido sede de grandes eventos esportivos, Copa do Mundo de 2014 e Jogos Olímpicos de 2016, dentre outros.

Trataremos em específico da zona portuária da cidade, conhecida por Porto Maravilha, cujos espaços foram renovados e transformados em empreendimentos de negócios, turismo, lazer e cultura. O trabalho está organizado a partir de dois vértices: 1) uma leitura da zona portuária nos períodos do Império e da República Velha, ilustrado no imaginário literário da época; 2) uma releitura via a literatura do espaço da zona portuária atual, refuncionalizado, destinado a diferentes formas de exploração, incluindo fins turísticos.

No primeiro momento recorreremos à obra de João do Rio e Lima Barreto – ambos observadores críticos do processo de modernização a que a cidade era submetida. No segundo momento tra-

tamos das transformações mais recentes expressas no projeto Porto Maravilha, cujos desdobramentos mostram o patrimônio renovado e transformado em novos empreendimentos refuncionalizados.

Para ambos os períodos a literatura aparece como caminho de análise, fazendo-se uso em especial do gênero crônica, que segundo Scherer (2008), tornou-se a forma mais adequada para que se anotassem as impressões cotidianas da cidade, por inúmeras razões: liga o passado (linhagens medievais) e o presente (registro do já); não exige homogeneidade temática dos seus autores, media a literatura e a reportagem; fixa-se na fronteira entre a mercadoria e a arte, entre o jornal e o livro.

Desta forma, a metodologia baseia-se na utilização da literatura como aporte teórico stricto sensu e as escolhas dos autores João do Rio e Lima Barreto são justificadas a seguir. João do Rio se sobressai como autor retratista da vida social que despontava na modernidade do Rio de Janeiro no início do século XX e a caracterizava como cidade espetáculo, sendo plausível reconduzi-lo à cena quando e se realiza a análise do atual projeto de transformação da zona portuária. Já Lima Barreto contribui com uma crítica social mais contundente à sociedade da época. Ambos utilizados na análise atual nos permitem verificar que o atual porto maravilha dá sequência, em grande medida, a processos históricos de mais longa duração.

Já autores como Lefebvre (1997) e Santos (1980) contribuem para o debate sobre a reprodução das relações sociais de produção no espaço

da cidade, entendendo-a não apenas como palco-receptáculo destas transformações, mas também como agente ativo e passivo do processo de construção de novas paisagens.

## 2. A cidade literária no Império e na Primeira República

A história da formação da cidade do Rio de Janeiro está relacionada inicialmente à imagem de seu Porto, espaço chave da cidade. Desde o final do século XVI já era de fundamental importância na vida colonial, embora ainda não existisse enquanto equipamento definido, pois os primeiros ancoramentos portuários no interior da baía se iniciaram e se consolidaram em áreas diferentes da atual configuração do Porto do Rio. (Mello, 2003).

O movimento de mercadorias e escravos intensificado pela exploração das minas de ouro na região das Minas Gerais expandiu ainda mais as atividades portuárias da cidade e propiciou um início de especialização do território e no final do século XVIII o Porto do Rio de Janeiro já despontava como o maior do Brasil (Cruz, 1999).

Optamos para operacionalizar um resgate histórico-geográfico das mudanças na cidade à época recorrendo à literatura como fonte. Para tanto nos apropriamos de textos de João do Rio de Lima Barreto, que produziram diversos sobre a cidade, que tinha no seu Porto um espaço físico e simbólico de articulação: por ele passavam os escravos e os cidadãos que configuravam a peculiar sociedade capitalista e escravista da colônia.

Acreditamos que a literatura tem com uma de suas grandes virtudes a capacidade de ir do particular ao universal, contribuindo para compor o cenário da formação sócio espacial carioca. Nesta perspectiva, Ianni (1999) entende que a utilização da literatura como fonte adicional de interpreta-

ção da realidade se insere num debate mais amplo a respeito da relação entre ciência e arte – segundo o autor esta aproximação tem originado bons frutos no que se refere à leituras mais apuradas dos fenômenos sócio espaciais.

Vale ressaltar que não se trata aqui de estabelecermos um debate sobre as diferenças entre arte e ciência. A ciência nos auxilia no entendimento sobre o cotidiano e todas as formas de representações coletivas traduzidas nas artes e na literatura, que embora sejam aspectos despidos de uma linguagem científica moderna, exercem uma subjetividade imaginativa, remetem ao imaginário do leitor e promovem como desdobramento novas leituras sobre a cidade.

João do Rio<sup>1</sup> em sua obra retratou bem as condições sub-humanas em que vivia a população do centro da cidade. Tomando a realidade à frente como matéria para sua literatura, enxergava a permanência do passado de exclusão e desigualdades e a tragédia de nossa formação social.

Ao ser convidado por um delegado de polícia para uma ronda noturna aos “círculos infernais” da cidade, o escritor se depara com os trágicos asilos da miséria, dispersos pelos bairros da Gamboa, da Cidade Nova e ruas da zona portuária. Em uma das hospedarias, pode-se observar as condições em que vivia a população.

Completamente nua, a sala podia conter trinta pessoas, à vontade, e tinha pelo menos oitenta nas velhas esteiras atiradas ao assoalho. (...) Parecia que todas as respirações subiam, envenenando as escadas, e o cheiro, o fedor, um fedor fulminante, impregnava-se nas nossas próprias mãos, desprendia-se das paredes, do assoalho carcomido, do teto, dos corpos sem limpeza. (...) A metade daquele gado humano trabalhava; rebentava nas descargas dos vapores, enchendo paióis de carvão,

<sup>1</sup>João do Rio (1881-1921) foi a mais completa tradução da *belle époque* carioca, tornando sua obra é indissociável do Rio de Janeiro, pois a retrata como espaço espetáculo.

carregando fardos. (Rio, 2008, p.179).

Caricaturados como “gado” pelas autoridades, os trabalhadores viviam em condições indignas até mesmo aos animais, mas a manutenção da mão de obra barata era importante para a sustentação da estrutura do trabalho na área central. Por isso, a política pública incentivava a construção de moradias populares no centro, a fim de garantir que a massa proletarizada gravitasse em torno do porto, próxima às atividades urbanas.

Concomitantemente, a Reforma Pereira Passos foi um momento de renovação urbana que marcou profundamente a cidade, tanto da ordem da aparência quanto de seu conteúdo. Conforme Abreu (1988, p. 31), “um fazer e refazer constante de formas antigas que assumem novas funções, com novos valores atribuídos a elas pelo conjunto de forças que estruturam os sistemas econômicos, jurídico-político e ideológico de uma sociedade”.

Na crônica *A Pintura das Ruas*, João do Rio trata da simplicidade e grandiosidade dos pintores das ruas, numa clara referência à *nova cidade*, às mudanças promovidas pelos desejos do progresso, retratos que dão conta da clareza de que seu povo tinha das transformações impostas e fazem alusão ao progresso que se faz visível no espaço.

Estávamos na rua do Núncio. O meu excelente amigo fez-me entrar num botequim da esquina da rua de São Pedro e os meus olhos logo se pregaram na parede da casa, alheia ao ruído, ao vozear, ao estrépido da gente que entrava e saía. Eu estava diante de uma grande pintura mural comemorativa. O pintor, naturalmente agitado pelo orgulho que se apossou de todos nós ao vermos a Avenida Central, resolveu pintá-la, torná-la imorredoura, da rua do Ouvidor à Prainha. A concepção era grande, o assunto era vasto – o advento do nosso progresso estatelava-se ali para todo o sempre, enquanto não

se demolir a Rua do Núncio (Rio. do, 2008, p. 93).

Entre os anos de 1904 e 1907, João do Rio publicou vários textos que abordavam os problemas sociais do Rio de Janeiro, como a exploração do trabalho, a prostituição, a exploração infantil, a miséria e a fome. No trecho da crônica abaixo os aspectos sociais do trabalho no porto e as contradições sociais no seu entorno são um retrato bastante fiel de quais eram as condições de reprodução da vida na zona portuária.

Às cinco da manhã ouvia-se um grito de máquina rasgando o ar. Já o cais, na claridade pálida da madrugada, regurgitava num vai-e-vem de carregadores, catraieiros, homens de bote e vagabundos mal dormidos à beira dos quiosques. (...) Nós passávamos entre as lanchas. Ao longe, bandos de gaviotas riscavam o azul do céu e o Cais dos Mineiros já se perdia distante da névoa vaga. Mas nós avistávamos um outro cais com um armazém ao fundo. À beira desse cais, saveiros enormes esperavam mercadorias; e, em cima, formando um círculo ininterrupto, homens de braços nus saíam a correr dentro da casa, atiravam o saco no saveiro, davam a volta à disparada, tornavam a sair a galope com outro saco, sem cessar, contínuos como a correria de uma grande máquina. Em sessenta, oitenta, cem, talvez duzentos. Não os podia contar. A cara escorrendo suor. Os pobres surgiam do armazém como flechas, como flechas voltavam. ( Rio 2008, p. 161).

A questão do trabalho nas atividades do porto exaltava as contradições sociais, exemplificada na situação dos trabalhadores e em suas formas de organização.

(...) Os homens com quem falava têm uma força de vontade incrível. Fizeram com o próprio esforço uma classe, impuseram-na. Há doze anos não havia malandro que, pegado na Gamboa, não se desse logo como trabalhador de estiva. Nesse tempo não havia a associação, não havia o sentimento de classe e os pobres estrangeiros pegados na Marítima trabalhavam por três mil reis dez horas de sol a sol. Os operários reuniram-se. Depois da revolta, começou a se fazer sentir o elemento brasileiro e, desde então, foi uma longa e pertinaz conquista. (Rio, 2008, p: 165).

Segundo Arantes (1996) o caráter *ocasional* do trabalho era uma das principais características da mão de obra portuária e essa forma de contratação acabou por moldar a experiência dos trabalhadores do porto, principalmente no que diz respeito à organização do trabalho e às lutas sindicais, inserção que era permitida, como pode ser observado no trecho a seguir.

Que querem eles? Apenas ser considerados homens dignificados pelo esforço e pela diminuição das horas de trabalho, para descansar e para viver. Um deles, magro, de barba inculta, partindo um pão empapado de suor que lhe gotejava da frente, falou-me num grito de franqueza: - O problema social não tem razão de ser aqui? Os senhores não sabem que este país é rico, mas que se morre de fome? É mais fácil estoirar um trabalhador do que um larápio? O capital está nas mãos de um grupo restrito e há gente demais absolutamente sem trabalho. Não acredite que nos baste o discurso de alguns senhores que querem ser de-

putados. Vemos claro e, desde que se começa a ver claro, o problema surge complexo e terrível (...). – Os padrões não querem saber se ficamos inúteis pelo excesso de serviço. Olhe, vá à Marítima, ao Mercado. Encontrará muitos dos nossos arrebatados, esmolando, apanhando os restos de comida. Quando se aproximam das casas às quais deram toda a vida correm-nos (Rio, 2008, p. 165, 166).

Uma crítica mais marcadamente político-social ao período inicial da República foi feita por Lima Barreto<sup>2</sup>, especialmente em seu *Triste Fim de Policarpo Quaresma*. O autor, que se coloca como parte dessa sociedade assume fortes críticas à vida política da época num tom de sátira ao movimento político. Seus personagens são exemplares de segmentos sociais, como militares, políticos e funcionários públicos e seu principal personagem, *Policarpo Quaresma*, é revestido de um senso nacionalista, ufanista, de amor incondicional à pátria:

Não se sabia bem onde nascera, mas não fora decerto em São Paulo, nem no Rio Grande do Sul, nem no Pará. Errava quem quisesse encontrar nele qualquer regionalismo: Quaresma era antes de tudo brasileiro. Não tinha predileção por esta ou aquela parte de seu país, tanto assim que aquilo que o fazia vibrar de paixão não eram só os pampas do Sul com o seu gado, não era o café de São Paulo, não eram o ouro e os diamantes de Minas, não era a beleza da Guanabara, não era a altura da Paulo Afonso, não era o estro de Gonçalves Dias ou o ímpeto de Andrade Neves – era tudo isso junto, fundido, reunido, sob a bandeira estrelada do Cruzeiro (Barreto, 1991, p. 22).

A cidade de Lima Barreto se ambienta, em grande

<sup>2</sup>O escritor destacou-se entre os mais críticos da sociedade da época (Matta, 2003).

parte, nos subúrbios do Rio de Janeiro, sob um pano de fundo que exalta os aspectos populares do modo de vida dos habitantes das áreas menos privilegiadas. A vida pacata das ruas da periferia, o convívio social, as fofoqueiras, os tipos populares, assim como o ambiente burocrático das repartições públicas, das conversas e gozações.

(...) é uma alta sociedade muito especial e que só é alta nos subúrbios. Compõe-se em geral de funcionários públicos, de pequenos negociantes, de médicos com alguma clínica, de tenentes de diferentes milícias, nata essa que impa pelas ruas esburacadas daquelas distantes regiões, assim como nas festas e nos bailes, com mais força que a burguesia de Petrópolis e Botafogo. Isto é só lá, nos bailes, nas festas e nas ruas, onde se algum de seus representantes vê um tipo mais ou menos, olha-o da cabeça aos pés, demoradamente, assim como quem diz: aparece lá em casa que te dou um prato de comida. Porque o orgulho da aristocracia suburbana está em todo dia jantar almoço, muito feijão, muita carne-seca, muito ensopado – aí, julga ela, é que está a pedra de toque da nobreza, da alta linda, da distinção (Barreto, 1991, p. 24).

As obras e autores abordados até aqui auxiliaram na construção de uma imagem do Rio de Janeiro que acabou se consolidando como uma das identidades possíveis daquele período. Ao abordarem de que maneira as transformações advindas da modernidade recriam a cidade imperial e da primeira república, exacerbada em mazelas humanas quotidianas, representam a cidade que integra o imaginário atual. Por outro lado, sedimenta o caminho para a compreensão da cidade do agora, um cenário urbano que encontramos na atualidade e que veremos a seguir.

### 3. A cidade dos grandes eventos esportivos: crônicas contemporâneas

O Porto Maravilha se configurou como o projeto de recuperação da zona portuária do Rio de Janeiro, a exemplo do que já aconteceu em outras capitais mundiais, como Barcelona, na Espanha. O contexto da refuncionalização se deu no bojo dos grandes eventos esportivos angariados para a cidade: a Copa do Mundo de 2014 e os Jogos Olímpicos de 2016.

A criação do Porto Maravilha, em 2009, tinha como proposta a transformação da zona portuária da cidade com foco na participação social e moradia popular, projeto alavancado pela União (dona de mais de 60% dos terrenos da área) em parceria com os poderes estaduais e municipais (Prefeitura do Rio de Janeiro, 2014). No entanto, a criação de um consórcio público para a reabilitação da área, conforme projetado pelo Ministério das Cidades, foi descartada e em seu lugar foi adotada a atual proposta, cujas principais diretrizes foram elaboradas e executadas por empreiteiras, tornando-se a maior parceria público-privada (PPP) do país.

A crônica “O Rio Ferve”, de Sandra Moreyra, escrita para a comemoração dos 450 anos da cidade, em 2015, enumera alguns problemas urbanos do centro da cidade, problemas da modernidade, vividos no cotidiano de quem a habita, mas supostamente compensados pela beleza cênica que a cidade possui, já exaltada quando nossos “descobridores” quando aqui chegaram. Em nosso entendimento, a autora não está preocupada em realizar uma análise social, que descortina as contradições inerentes à ocupação do espaço urbano, mas apenas exaltar a beleza idílica supostamente compensadora das mazelas quotidianas.

Da central à Candelária, em Madureira, na Praça Saenz Peña, em toda a Avenida Brasil, ao longo da linha do trem, é nessa hora que o Rio ferve. Do asfalto sobe um vapor que esfumaça a

visão. E como tem gente! Trânsito, buzinas, muito barulho. Rio cidade grande. De repente, uma bela paisagem se descortina, enche os olhos! Grande cidade, esse Rio que é de janeiro, que é do verão, das férias, da praia. Do mergulho gelado pra amenizar o calor. De mar e de montanhas que moldaram um povo apaixonado. Em gestos, cantos, curvas, sorrisos. Cariocas ... somos todos nós, há 450 anos. (Moreyra, 2015).

Por décadas o espaço central da cidade, foi confinado à obsolescência e ao abandono. Por isso, a zona portuária do Rio de Janeiro era a principal aposta para solução da falta de moradias em áreas centrais, além de recuperar a centralidade econômica e social que a área teve em tempos passados, reforçando a importância cultural desta parte da cidade e também sua centralidade na questão da mobilidade urbana, já que se trata de nóculo de ligação da cidade.

O projeto Porto Maravilha hoje segue algumas recomendações do Ministério das Cidades, como a adoção do modelo baseado na comercialização de Cepacs (Certificados de Potencial Adicional de Construção). Mas a diferença é gritante em relação à ideia original, onde toda negociação para as intervenções na área se daria com os poderes locais. A União apenas abriria mão dos terrenos para a incorporação imobiliária. De fato, com a PPP do Porto Maravilha firmada com a prefeitura, as empreiteiras assumiram serviços básicos que são de responsabilidade do município, como a manutenção e a limpeza dos espaços públicos. Mas, por outro lado, a população local e de entorno foi alijada da participação ativa nos processos de transformação.

Processos como este, orientados por atuações de cunho urbanístico, embora sejam diversos em cada país, consideram a recuperação do centro e de seu valor imobiliário como um fim para ob-

ter a dinamização do conjunto da cidade (Rovira, 2006). Dinamiza-se o espaço antes degradado refuncionalizando-o com novas ofertas de serviços centrais ao consumo, tendo a cultura e a paisagem como elementos centrais: centros comerciais, museus, salas de exposição, passeios a beira mar etc.

Podemos pensar numa nova haussmanização, em que a cidade mais uma vez se volta a atender os ideais do embelezamento urbano, distanciando o seu morador da vida cotidiana e o impelindo a um papel secundário de vivência nos novos espaços da cidade. A exemplo do olhar de Clark (2009) sobre a Paris que se moderniza (trecho abaixo), a reformulação da zona portuária do Rio de Janeiro do século XXI proporciona mais uma vez a transformação da cidade no espaço do espetáculo, mimetizada e esvaziada de sentidos.

fazia a cidade ser consumida em abstrato, como uma ficção conveniente (CLARK, 2009, p. 76). A cidade moderna viria a ser algo que não mais pertencia aos indivíduos, que não era mais uma extensão da vida cotidiana dos cidadãos. A cidade se torna uma imagem e sua vivência se torna pontual. agora ela [a metrópole] lhes pertencia apenas como uma imagem, como algo ocasional e casualmente consumido em espaços concebidos para esse único propósito – passeios, panoramas, programas de domingo, grandes exposições, desfiles oficiais. Ela não podia ser apreendida fora disso; não fazia mais parte daqueles padrões de ação e apropriação que constituíam a vida cotidiana dos espectadores (Clark, 2009, p. 75-76).

Retomamos João do Rio que tão bem retratou a cidade do Rio de Janeiro no começo do XX, uma cidade feita de imagem, feita para a diversão e o consumo, marcada pela aceleração dos movimen-

tos daqueles que a ocupam. Longe de ser o lócus da política, do diálogo, a cidade se torna o habitat da vida mundana, o palco para as frivolidades. Para o autor a superfície sempre intercambiante da cidade é um lastro da sociedade moderna, carimbada pela rapidez, pela pressa, pela voracidade do efêmero e da superficialidade das relações.

O homem-cinematográfico acorda pela manhã desejando acabar com várias coisas e deita-se à noite pretendendo acabar com outras tantas. É impossível falar dez minutos com qualquer ser vivo sem ter a sensação esquisita de que ele vai acabar alguma coisa... a pressa de acabar! Mas é uma forma de histeria difusa! Espalhou-se em toda a multidão. Há nos simples, nos humildes, nos mourejadores diários; há nos inúteis, há nos fúteis, há nos profissionais da coquetterie, há em todos esse delírio lamentável. Qual é o fato principal em todos nós? Acabar depressa! O homem cinematográfico resolveu a suprema insanidade: encher o tempo, atropelar o tempo, abarrotar o tempo, paralisar o tempo para chegar antes dele. (Rio apud O'Donnel, 2008, p. 70)

Distanciada do tempo em que a zona portuária se configurava como espaço de realização da vida do trabalho, da vida cotidiana, das relações de moradia, por décadas vai se configurando como espaço do vazio, do esquecimento social, embora na marginalidade vivam ali milhares de pessoas, não reconhecidas como importantes no novo projeto de refuncionalização.

A modernidade desenhada em novos símbolos, a recuperação do patrimônio histórico, revestido de uma modernidade aparente, os novos meios de locomoção sobre trilhos (VLT), os museus de linhas exuberantes, retratam o novo modo de vida: um passar ligeiro pelo urbano, no qual é facul-

tado ao indivíduo vivenciá-lo sob um sentimento de reserva. O indivíduo tem, no nosso entendimento, mais uma informação superficial da cidade que habita, do que um conhecimento profundo, e visualiza as culturas e artefatos urbanos, sem necessariamente vivenciá-los, "uma torrente humana que apenas deixa indicado os gestos e passa leve sem deixar marcas, passa sem se deixar penetrar". (Rio apud O'Donnel, 2008, p. 69).

O turismo, por sua vez, pensado enquanto atividade econômica se encontra no bojo do empreendedorismo urbano e vê em projetos desta ordem aportes para o seu crescimento. Trata-se de uma estratégia urbana que, a partir da organização do espaço para transformação da cidade em lugar turístico ou para o aprofundamento destas relações, justifica a refuncionalização do espaço levando em consideração a obtenção de lucros e a criação de novos usos. Como bem nos lembra Lefebvre (1997), o capitalismo não subordinou apenas setores da vida social já existentes ou anteriores à sua vigência, mas produziu setores novos transformando o que existia, remanejando as organizações e as instituições correspondentes. É o que se passa, com a arte, com o saber, com os lazeres, com a realidade urbana e com a realidade cotidiana.

A paisagem cultural torna-se o recurso turístico em evidência. O patrimônio arquitetônico recuperado (Museu do Rio, que reúne o Palacete Dom João VI, de estilo eclético e outro prédio de estilo modernista; os antigos armazéns do Porto) e o ícone que representa a modernidade em sua essência (Museu do Amanhã), constituem o pano de fundo que permite valorar a paisagem para dela fazerem uso os setores econômicos de interesse, como o turismo.

A transformação em produto turístico só foi possível por se fazer presente a recuperação do patrimônio, que recuperou em parte padrões de forma e função do que era dito tradicional e histórico e refuncionalizou outros. Esse processo nos faz pensar na noção de rugosidades presente na teoria

de Milton Santos, quando a produção do espaço é, ao mesmo tempo, construção e destruição de formas e funções sociais dos lugares, ou seja, a (des) construção do espaço não se refere apenas à destruição e à construção de objetos fixos, mas também às relações que os unem em combinações distintas ao longo do tempo.

As antigas formas encontradas ainda hoje na zona portuária representariam essas rugosidades, como espaços testemunhos de um determinado momento de um modo de produção, porque possuem uma memória do espaço construído, das coisas fixadas na paisagem criada. Para Santos (1980, p.138) “as rugosidades nos oferecem, mesmo sem tradução imediata, restos de uma divisão de trabalho internacional, manifestada localmente por combinações particulares do capital, das técnicas e do trabalho utilizados”. O espaço é uma forma durável, que não se desfaz paralelamente à mudança, ao contrário, alguns processos se adaptam às formas pré-existentes, enquanto outros criam novas formas para se inserir dentro delas.

A interpretação da realidade via a literatura vem da confiança de que esta tem como uma de suas grandes virtudes a capacidade de ir do particular em direção ao universal para descortinar a história de um lugar, nos trazendo subsídios para compreender as ações humanas sobre o espaço. Conforme Marandola JR. e Gratão (2010), a literatura descortina a história de um lugar e os dramas humanos que ali se estabelecem nos conflitos grafados no espaço que

não se limitam à trama nos significados e sentidos que estão encetados em si próprios. Sua força reside no que aquelas narrativas específicas carregam do sentido universal de seus temas, conflitos e entendimentos. (Marandola Jr. & Gratão, 2010, p.07).

Ou, como afirmou o próprio Barreto (1961, p.78) “A arte, literatura, tendo o poder de transmitir

sentimentos e ideias, sob a forma de sentimentos, trabalha pela união da espécie; assim trabalhando, concorre, portanto, para o seu acréscimo de inteligência e de felicidade”.

A rigor toda obra humana possui uma dimensão espacial, dimensão esta que não se configura apenas como espaço-receptáculo da ação humana. Nos descritos literários de paisagens e lugares encontramos aspectos do real, que se entrelaçam de saberes que podem ser compreendidos como o resultado das tramas humanas socialmente espacializadas.

O turismo tem um papel de extrema relevância, na medida em que a atividade já não pode ser pensada sem a utilização do patrimônio e, portanto, sua gestão, seja pública ou privada não pode se eximir de refletir sobre este papel. Através do turismo o patrimônio se torna acessível à visita e à fruição, além de possibilitar a sua conservação. Por isso mesmo, a atividade deve se imbuir de uma responsabilidade ética, buscando princípios sustentáveis para os usos dados aos novos equipamentos e elementos da imaterialidade explorados enquanto produto, de forma a não acarretar desdobramentos perversos como a mercantilização da cultura e a fetichização do espaço, que tem como consequência necessária a reificação do mundo e da vida humana.

#### 4. Conclusão

O exercício que propusemos utilizou-se de fontes literárias e geográficas diversas para analisar dois momentos distintos do Rio de Janeiro em torno de uma região característica da imagem da cidade: a zona portuária e sua refuncionalização que produz novos significados à paisagem. Nessa direção assumimos que ciência e arte podem ser, desde que tratados com os cuidados e rigores necessários a cada um, combinados para a obtenção de elementos que nos ajudem a explicar aquilo que

chamamos de realidade. A partir da perspectiva dialética a análise do real (entendido como síntese de múltiplas determinações) não só pode como deve recorrer à utilização das artes, da literatura, das manifestações inconscientes tanto quanto às fontes históricas duras.

A utilização de fontes literárias para desvelar o espaço da zona portuária e do centro do Rio mostrou-se frutífera, vez que deu vazão às críticas a olhares sobre projetos de reordenação urbana que, em alguma medida, mantêm o secular alijamento dos trabalhadores dos processos de decisão sobre as formas de ocupação do espaço da cidade.

Podemos concluir que as transformações concretizadas e outras ainda em curso na zona portuária do Rio refletem elementos históricos muito bem representados pela literatura, no que concerne aos desdobramentos sócio espaciais: às paisagens culturais são incorporados elementos que as caracterizam enquanto produto turístico, via a recuperação do patrimônio histórico e sua refuncionalização.

Os usos do espaço da cidade apenas enquanto mercadoria a ser gerida numa lógica empresarial, para a qual cultura é singular, um pastiche de repetições vazias, se reproduz no porto maravilha e o turismo ocupa, em alguma medida, o papel de vilão, o tradicional consumidor das paisagens urbanas. Cumpre-nos repensá-lo de maneira a torná-lo agente importante da reconstrução e também dos usos com responsabilidade e sustentabilidade, conferindo ao fenômeno um lugar de mais valor e sentido.

## Referências bibliográficas

- Abreu, M. de A. (1988). *A evolução urbana no Rio de Janeiro*. 2.ed. Rio de Janeiro: IPLANRIO, Zahar.
- Arantes, O. B. F. (1996). *Cultura da Cidade: animação sem frase*. In: Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. No. 24.
- Barreto, L. (1961). *Impressões de Leitura*. Prefácio de M. Cavalcanti Proença. 2ª ed. São Paulo: Brasiliense.
- Barreto, L. (1991). *Triste Fim de Policarpo Quaresma*. São Paulo: Ed. Penguin & Cia das Letras.
- Clark, T. J. (2009) *A pintura da vida moderna: Paris na arte de Manet e de seus seguidores*. São Paulo: Companhia das Letras.
- Cruz, M. C. V. (1999). O porto do Rio de Janeiro no século XIX: Uma realidade de muitas faces. *Revista Tempo*. Número 8: Descobrimientos e Redescobrimientos do Brasil. Acessado em 12/08/2016, em [http://www.historia.uff.br/tempo/artigos\\_livres/artg8-7.pdf](http://www.historia.uff.br/tempo/artigos_livres/artg8-7.pdf)
- Ianni, O. (1999) *Sociedade e Literatura no Brasil*. Org. José Antônio Segatto. São Paulo: UNESP.
- Lefebvre, H. (1997). *Estrutura social: a reprodução das relações sociais*. In: Martins, J. de S. & Foracchi, M. M. Sociologia e sociedade: leituras de introdução à sociologia. Rio de Janeiro: Livros técnicos e científicos.
- Marandola Jr. E. & Gratão, L. H. B. (2010). *Geograficidade, Poética e Imaginação*. In: Geografia e Literatura: ensaios sobre geograficidade, poética e imaginação. Marandola Jr. E. & Gratão, L. H. B. (orgs). Londrina: EDUEL.
- Matta, C. da. (2003) *Rio de Janeiro, solo configurador da literatura nacional. O Rio de Janeiro na Literatura*. Revista Rio de Janeiro, n. 10, maio-ago. Acessado em 12/08/2016, em [http://www.forumrio.uerj.br/documentos/revista\\_10/10-Carmen.pdf](http://www.forumrio.uerj.br/documentos/revista_10/10-Carmen.pdf)
- Mello, F. F. de. (2003) *A Zona Portuária do Rio de Janeiro: antecedentes e perspectivas*. Dissertação de Mestrado. IPPUR. Instituto de Pesquisa e Planejamento Urbano e Regional. Março.
- Moreyra, S. (2015). Crônica da cidade. Acessado em 23/01/2016. <http://g1.globo.com/rio-de-janeiro/noticia/2015/01/cronica-o-rio-ferve-faz-homenagem-aos-450-anos-da-cidade-maravilhosa.html> (consultado em 01/07/2015)
- O'Donnell, J. (2008). De olho na rua: a cidade de João do Rio. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed.
- Prefeitura do Rio de Janeiro, Projeto Porto Maravilha. (2014). Acessado em 12/08/2016, em [http://www2.rio.rj.gov.br/smu/compur/pdf/projeto\\_porto\\_maravilha.pdf](http://www2.rio.rj.gov.br/smu/compur/pdf/projeto_porto_maravilha.pdf)
- Rio, J. do. (2008). *A Alma Encantadora das Ruas*. Crônicas. Texto Integral. São Paulo: Martin Claret, 2007. (Coleção a Obra-Prima de cada autor)

- Rovira, N. B. (2006). *Barcelona 1979-2004: De Cidade Olímpica a Metrópole Multicultural*. In: *Geografias das Metrôpoles*. Carlos, A. F. A. & Oliveria, A. U. de. (orgs). São Paulo: Contexto.
- Santos, M. (1980). *A urbanização desigual*. Petrópolis: Vozes.
- Scott, A. J. (2012). *As Cidades da Terceira Onda*. In: *Globalização, políticas públicas e reestruturação territorial*. PACHECO, Susana Maria M. e MACHADO, Monica Sampaio (Orgs). Rio de Janeiro, 7 Letras.
- Scherer, M. E. G. (2008). *Bilac - sem poesia: crônicas de um jornalista da Belle Époque*. 250 f. Dissertação (Mestrado em Literatura) – Centro de Comunicação e Expressão, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2008. Orientador: Prof. Dr. Carlos Eduardo Schmidt Capela.